

## Meu Tipo Inesquecível



*Douglas F. Storer*

**V**I PELA primeira vez Robert Ripley, o criador do “Acredite Se Quiser”, numa noite de dezembro há uns 25 anos. Era eu então o jovem e petulante diretor-produtor de um novo programa de rádio que deveria ir para o ar exatamente dali a 78 minutos. Queríamos um programa original e marcante e contratáramos Ripley “no escuro”.

Durante a balbúrdia do ensaio eu estava distribuindo *scripts*, berrando ordens, mandando calar o pessoal, quando um homem grandalhão, sorrindo como um menininho encabulado, apareceu tímidamente à porta do estúdio. Usava um conjunto de roupas saído diretamente do pesa-

delo de um armarinho; camisa azul-clara, flamejante gravata borboleta côm-de-laranja, paletó acolchoado, calças castanho-claro e reluzentes sapatos-esporte de duas côres: branco e prêto. Fêz nervosamente uma ligeira inclinação.

—O senhor é Robert Ripley?— perguntei pestanejando.

Êle corou e acenou com a cabeça em afirmação. Em silêncio entreguei-lhe o *script*.

A única coisa que êle tinha a fazer era ler uma introdução de 30 segundos de uma dramatização do “Acredite Se Quiser”, e, no final do programa, autenticar a história e dizer boa-noite. Parece muito simples, mas

quando fomos para o ar, naquela noite memorável, eu era uma ruína nervosa e Ripley estava ainda pior. Medo do microfone? Foi fantástico. O *script* em suas mãos tremia mais que uma palmeira num furacão. Quatro vezes êle o deixou cair e se inclinou para apanhá-lo, em tôdas as vezes quase derrubando o microfone. Engrolava as palavras, mas continuou até ao fim. Quando tudo terminou êle entrou cambaleando na sala de contrôle.

—C-c-como é q-q-que eu me saí?  
—gaguejou.

Seu rosto ruborizado tinha uma expressão tão juvenil e suplicante —tão séria e honesta—que minha ira profissional se dissipou. Estendi-lhe a mão:

—Você precisa de um pouco de prática. Tirando isso, foi notável.

O programa foi-se arrastando. Na verdade, o público *gostou* da maneira desajeitada de Ripley. Tornamo-nos amigos e logo me convidou para ser seu agente. Desde então até à sua morte, em 1949, viajei e trabalhei com êle, organizei as suas conferências e programas de rádio e televisão, e ajudei-o nos seus filmes.

Recapitulando agora, vejo que Ripley foi, provavelmente, o maior rústico que já fêz sucesso no mundo artístico ou a conquistar renome mundial no setor jornalístico. Êle não era nada refinado. Era mais tímido que um coelhinho e dolorosamente consciente de ser dentuço e de sua falta de cultura. Mas atirava-se de corpo e alma a tudo o que fazia,

irrompia através das coisas e, vencedor ou vencido, divertia-se a valer.

Uma vez em Marineland, na Flórida, o *script* exigia que Ripley descesse ao fundo de um aquário de água salgada, num escafandro, e desse de comer com as mãos a um cardume de tubarões, descrevendo a aventura para os radiouvintes por um microfone instalado no capacete.

—Fabuloso!—disse êle.—Onde está o capacete?

Olhei-o com espanto.

—Você alguma vez já vestiu um escafandro?

—Nunca!—respondeu êle—e nem ao menos sei nadar!

Mas lá se foi êle . . .

Fêz centenas de outras coisas malucas e freqüentemente perigosas. (Como a vez em que irradiou de uma cova cheia de cascavéis.) Fôssem quais fôssem as coisas que intentasse êle o fazia com tal entusiasmo que as transformava em aventuras.

Ripley era da Califórnia. Seu pai morreu quando êle ainda usava calças curtas, e Robert deixou a escola para trabalhar. Não tinha outra coisa no mundo que uma grande habilidade com o lápis . . . e uma curiosidade imensa. Ainda adolescente, trabalhou como caricaturista de esportes num jornal de São Francisco, depois—despedido por pedir aumento—foi para Nova York, onde arranjou emprêgo no velho *Globe*.

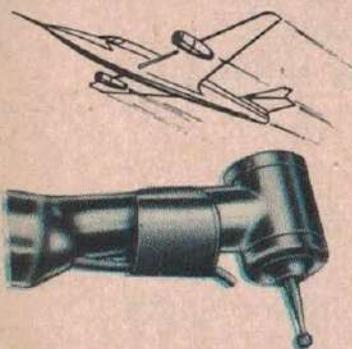
Num dia monótono de 1918 preencheu um espaço na página de esportes com desenhos de um corredor de velocidade, que correu de

Agora, maior tranquilidade e rapidez nos tratamentos odontológicos graças ao

## Brocar *Atlante*

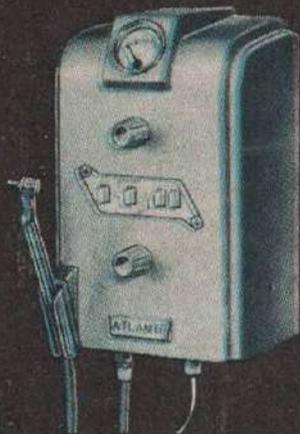
o airotor brasileiro

A rotação do BROCAR ATLANTE é de 15 a 20 vezes superior à rotação das turbinas dos aviões a jato!



Esta alta velocidade, até 250.000 rotações por minuto, não produz vibração, elimina a dor cortando ou desgastando dentes a um leve toque, reduzindo consideravelmente o tempo da operação.

Este notável aparelho não requer instalação especializada, podendo ser adaptado a qualquer equipo dentário, prêsso à parede ou pousado sôbre uma mesa. Seu tamanho é reduzido.



### O brocar *Atlante*

já pode ser fornecido integrando o moderno equipo "H"-C, da nova linha do futuro.



Folheto explicativo à disposição dos interessados com os fabricantes:

## *Atlante s. a.*

Rua Diogo Vaz 85 - São Paulo

costas os 100 metros rasos em 14 segundos. Adicionou mais algumas curiosidades do mundo esportivo, e pôs tudo sôbre a mesa do secretário. O secretário pediu sugestões para um título e Ripley propôs: "Acredite Se Quiser . . ."

—Isso é bom—disse o redator, enviando a matéria para a composição.

"Acredite Se Quiser" pegou. O *Globe* passou a publicar a seção primeiro duas vezes por semana, depois diàriamente, e Ripley começou a interessar-se por curiosidades fora do mundo dos esportes. Sua correspondência aumentou muito. Precisou, inclusive, contratar pessoal: duas secretárias, um pesquisador. Em 1923 passou a colaborar no *Post* de Nova York.

Robert sempre dizia que devia a sua fama e seu sucesso sobretudo a três de seus milhares de desenhos. O primeiro era o dos "Chineses Andarilhos". Uma noite, depois de um variegado jantar chinês, ficou agitado durante horas no sono pelo pesadelo fantástico de incontáveis orientais marchando sôbre seu estômago. Levantou-se na manhã seguinte aturdidamente, resolvido a descobrir quantos chineses realmente existiam.

O resultado foi um desenho espetacular representando uma fila de chineses, em coluna de quatro, marchando através do mundo e perdendo-se no infinito. "Se todos os chineses do mundo se pusessem em marcha em coluna de quatro a partir de um ponto determinado", dizia a legenda, "não acabariam nunca de

passar, mesmo que marchassem por tôda a eternidade.”

No dia seguinte uma avalanche de correspondência inundou o escritório de Ripley.

—Pela primeira vez—lembrou Ripley satisfeito—os leitores começaram a me chamar de grandessíssimo mentiroso!

Numa resposta cordial, mimeografada aos milhares, Ripley explicava: havia aproximadamente 600 milhões de chineses. Marchando em fila de quatro, 15 quilômetros por dia, passariam pelo tal ponto determinado num número de 26 milhões por ano. Enquanto isso, mais 60 milhões de chineses estariam nascendo cada ano. Assim, não só a fila de chineses passaria eternamente, mas a coluna aumentaria cada vez mais!

O segundo desenho causou furor ainda maior. Em 1927, poucas semanas depois da travessia do Atlântico por Lindbergh, Ripley fêz em “Acredite Se Quiser” o *Spirit of St. Louis* voando sôbre o oceano. Sob o desenho aparecia a legenda: “Lindbergh foi o 67.º homem a realizar um vôo sem escalas sôbre o Oceano Atlântico.” No dia em que o desenho foi publicado, a mesa telefônica do *Post* funcionou continuamente durante horas. Ripley recebeu mais de 200.000 telegramas e cartas, todos de protestos.

Êle estava no sétimo céu. Observou então que antes de Lindbergh o Atlântico havia sido atravessado por dois inglêses em um engenho mais pesado que o ar, por mais 31

# Meias de nylon

AMERICANAS

Esculturais! Modelam extraordinariamente as pernas! Transparência fascinante! Elásticas em 2 sentidos, não enrugam, côr da pele. Receitadas contra varizes, flebites, manchas, inchações: Pressão uniforme, confortáveis! Rigorosamente modernas e luxuosas, sem costura, próprias para recepções!

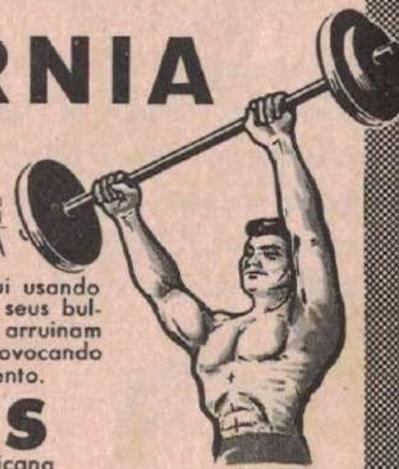
Ref. KENDALL B1, longas até a coxa... Cr\$ 2.850,00 o par  
Ref. KENDALL B3 até o joelho... Cr\$ 2.800,00 o par  
Ref. KENDALL R1B malha 51, longas até a coxa... Cr\$ 4.850,00 o par  
Ref. FLAHERTY 22 longas até a coxa... Cr\$ 2.750,00 o par  
Ref. FLAHERTY 24 até o joelho... Cr\$ 2.700,00 o par

Tamanhos: pequeno, médio e grande, favor indicar medidas

Vide endereço abaixo



## HÉRNIA



Tenha cuidado! Não continui usando fundas antiquadas, que com seus bulbos e pelotas perfurantes arruinam muito mais sua hérnia, provocando muitas vêzes o estrangulamento.

## DOBBS

a moderna funda americana

- De almofadas côncavas reduz e controla EFETIVAMENTE sua hérnia
- Toca no corpo apenas em dois pontos
- Sem correias - Sem bulbos - Sem elásticos
- Lavável - Neutra - Durável - Macia como a palma da mão
- Permite qualquer esforço e esporte!
- Aplica-se em qualquer hérnia, simples ou dupla!
- Coloca-se em 3 segundos - Demonstrações grátis

Favor indicar a circunferência exata dos quadris, para mandarmos certa sua funda.  
Dobbs dupla, Cr\$ 3.480,00  
Simples Cr\$ 2.980,00  
Criança Cr\$ 1.800,00

Remessas contra cheque pagável em nossa Séde Própria, no Rio ou em S. Paulo; ou por Vale Postal.

**DEMONSTRAÇÕES GRÁTIS**  
**HERMES FERNANDES & CIA.**  
RIO: Av. Rio Branco, 20 - 19º  
S. PAULO: Rua do Seminário, 41 - 4º

inglês em um dirigível e por 33 alemães em um dirigível alemão.

Depois, em 1929, "Acredite Se Quiser" fez a espantosa revelação de que os Estados Unidos não tinham um hino nacional! O que os americanos em realidade cantavam era uma velha e apreciada canção inglesa de taberna! Como assim? Francis Scott Key escreveu a letra de "*The Star-Spangled Banner*", depois adaptou-a à melodia de uma entusiástica balada que descobriu em um álbum de canções da época.

Mais de cinco milhões de cartas indignadas inundaram Washington, procedentes de todos os pontos do país. Em 1931 o Congresso retificou a omissão e decretou oficialmente que "*The Star-Spangled Banner*" — letra e música — seria o Hino Nacional dos Estados Unidos.

Quando William Randolph Hearst viu o primeiro álbum de desenhos da série "Acredite Se Quiser", mandou um telegrama de duas lacônicas palavras para seu King Features Syndicate: "Contratem Ripley." Do dia para a noite a renda de Ripley subiu astronômicamente. De repente êle se tornou o caricaturista mais bem pago e mais lido do mundo! Comprou então uma casa de campo de 29 cômodos numa ilha do Estreito de Long Island e divertia-se abarrotando-a de máscaras astecas, santuários budistas, utensílios de tribos antropófagas e outras curiosidades exóticas. Porém jamais se recostou na sua poltrona e bancou o senhor feudal. Era o homem mais trabalha-

dor que já conheci. Às seis e meia da manhã, tôdas as manhãs, já estava à sua mesa de desenho. Apesar de nunca dar dinheiro por tópicos curiosos, gente do mundo inteiro lhe enviava sugestões. Além disso, mantinha um assistente trabalhando em tempo integral, para descobrir curiosidades históricas. Depois o próprio Ripley fazia as ilustrações e escrevia as legendas. Era um fanático da exatidão. Cada fato tinha de ser verificado, testemunhado, registrado.

Grande parte de seu material era colhido de primeira mão; bastava mencionar uma curiosidade qualquer, referente a qualquer país ou pessoa, por distante que estivesse, seus olhos brilhavam. Respirava fundo, como se já pudesse farejar os ventos alísios, e começava a fazer as malas. Em uma maleta punha o seu material de desenho, em outra a roupa de viagem e partia para os confins do mundo.

Uma vez ouviu falar de um mosteiro grego no alto de um monte, onde só se podia chegar sendo içado num cêsto de vime pela face de um rochedo de 300 metros de altura. Portanto foi ver a coisa com os próprios olhos.

Lembro-me de quando Ripley ouviu falar do Sino da Donzela, fora da porta tártara de Peipim. Dizia-se que era o maior sino suspenso do mundo. Rezava a lenda que, para satisfazer o desejo do Imperador, de possuir o sino de som mais bonito da China, a filha do sineiro atirou-se para dentro do bronze em fusão, ime-

diatamente antes de ser modelado o sino. Ripley foi à China para ver o sino e desenhá-lo.

Outra vez ouviu uma história fantástica de alguns cientistas alemães que morreram congelados no meio da África. Não tardou que estivesse a caminho do Congo Belga. E descobriu que a história era verdadeira! Em 1908 uma expedição de 20 homens morrera sob uma temperatura de 50°C abaixo de zero nas encostas geladas do Monte Karisimbi, um vulcão distante apenas 150 quilômetros do Equador! Êle alugou um avião e sobrevoou o campo de morte.

Os anos passavam por Ripley numa vertigem de viagens, programas de rádio e televisão, *tournées* de conferências . . . e muito pouco repouso. Uma noite, durante uma festa em sua casa, logo depois do término da Segunda Guerra Mundial, estávamos à parte conversando. Ripley parecia muito cansado. Estava na casa dos 50 e a vivacidade de seus brilhantes olhos castanhos diminuía.

—Ripley—perguntei—por que é que você não se aposenta e descansa?

Meditativamente êle tomou entre os dedos uma bola de marfim de Cantão—uma dessas bolas ôcas, bolas filigranadas dentro de bolas—que custara a um artesão chinês tôda uma vida para esculpir. Êle virou-a lentamente na mão.

—É impossível alguém ter feito isto, não é? No entanto, aqui está. Há 100 anos um homem dedicou sua vida inteira a fazer esta bola. São coisas assim que me fazem continuar.

Coisas que provam que o impossível pode acontecer, que acontecem a cada instante, tentando fazer as pessoas compreender que também elas podem realizar o impossível se o tentarem.—Sorriu e acrescentou, como para destruir o tom sério de suas palavras:—Acredite se quiser.

Ripley nunca parou, mesmo quando foi atacado de hipertensão. Na terça-feira, 24 de maio de 1949, êle apareceu como de costume no programa semanal de TV de “Acredite Se Quiser”. Três dias depois morria.

Desenhos de “Acredite Se Quiser”, feitos por outros, aparecem ainda em centenas de jornais diariamente. Penso em Robert sempre que vejo um desses desenhos . . . e sempre que olho à janela. Em nosso jardim há um enorme totem do Alasca, esculpido à mão. Ripley enviou-mo de presente há 22 anos. Quando protestei, perguntando que diriam os vizinhos, êle apenas riu:

—Que importa? As crianças vão adorar.

Hoje o totem de Ripley é uma instituição da vizinhança. Cada outono e cada primavera novas turmas de crianças de escola vêm vê-lo. Os estranhos param para admirá-lo. É um verdadeiro ponto de referência. E é Ripley. Para mim, olhá-lo é como ouvir novamente a voz de Ripley, com aquela ressonância tão própria, dizendo que o mundo estava cheio de coisas românticas, que havia uma porção de lugares a que êle precisava ir, e um milhão de coisas que êle ainda tinha de ver.